

“Marxismo cultural”, a pós-verdade no palco da crise mundial capitalista

Um panorama das três grandes correntes do conhecimento na atualidade

By [Yuri Martins Fontes](#)

Global Research, August 28, 2019

Recentemente, o discurso de que haveria um “marxismo cultural” dominando o Brasil, embora esvaziado de qualquer constatação real ou racionalidade, tomou de braços a grande parcela reacionária que compõe as pouco cultivadas classes médias do país.

O fenômeno é sintoma de nosso empobrecido cenário cultural: novamente (des)montado pelas elites antinacionais em conluio com generais e a mídia corporativa, como em 1964, por meio de um golpe (gestado desde o agravamento da crise da economia mundial que estoura em 2008). Um cenário em que as classes dominantes já não se envergonham de promover a exacerbação da **violência estatal** e da **ignorância histórica**, como forma de preservar da depressão econômica seus dividendos, às custas da miséria de dezenas de milhões de brasileiros.

As ruas do centro de São Paulo intransitáveis – repletas de pedintes e crianças anoitecendo nas calçadas frias do inverno –, ou o metrô superpoliciado em que audaciosos ambulantes tentam sobreviver sob a pilhagem regular praticada por agentes tucanos, são um **retrato da crise social** reinventada por nossas classes privilegiadas, como não se via há mais de década.

Moro, criminoso internacional (dadas as provas evidentes da Vaza Jato), segue solto e no poder; o reformista Lula, a que o ex-juiz bolsonarista encarcerou (sem provas para além de sua própria “convicção” de líder de quadrilha), segue preso. E o Brasil segue, em seu eterno retorno ao subdesenvolvimento, **modernamente vira-lata**.

Assim, perigosas noções irracionistas, como a de “pós-verdade” (cuja tolice de “marxismo cultural” é apenas um dos sintomas), ganharam o espaço *grã-midiático*, infectando rapidamente o senso comum. Com sua abilolada recusa de qualquer valor de “verdade” ao conhecimento científico ou filosófico, os defensores dessa doutrina idiotizante desprezam os saberes e valores humanos construídos ao longo de milênios por diversas civilizações do planeta em perene intercâmbio.

Tal espécie de “**vale-tudo discursivo**” serve como *desculpa* para uma rejuvenescida *ideologia do mais forte*: a versão neoliberal da conhecida “lei do cão”, desprovida de humanismo, de ética e mesmo de uma mínima lógica (seja econômica, social ou ambiental).

Sensacionalismo e ódio ao Outro

Forjado de modo sensacionalista e promotor do ódio ao *Outro* (a população pobre, o sem-

terra, o índio, o negro, o transexual, o imigrante...), esse discurso reacionário tem por objetivo apavorar (e logo, *armar*) os estratos médios conservadores da sociedade – essas crianças grandes que em sua equilibrada mescla de ingenuidade e perversidade são dos seres mais desligados do real, e dos mais “ligados” no esquema da grande mídia (Veja, Globo, Estadão, El País) de informação rasa.

No nosso minúsculo *brasil bolsonaro*, **a extrema-direita apadrinhada por neoliberais** (das contra-reformas Trabalhista e Previdenciária) vem se usando desse artifício argumentativo disparado intensamente pelas redes sociais para vender o blefe de que estamos sob um amplo e generalizado estado de “conscientização marxista” (ou algo assim); o que, aliás, seria formidável para uma *evolução humana* da espécie, não fora um disparate, um absurdo sem nenhum embasamento na realidade histórica.

Para comprovar essa farsa, basta ver a enorme proporção de **professores universitários reacionários** nos maiores dos “redutos marxistas”, tal como o são efetivamente (embora em minoria) as grandes universidades públicas (USP, Unifesp, UFRJ, UFBA, etc). Ou observar o baixo nível de boa parte dos dirigentes dos grandes espaços públicos de arte e cultura (teatros, museus, centros culturais), tradicionais locais de contestação, mas contraditoriamente dominados por “artistas” (ou antes “profissionais das artes”) conservadores, alçados a cargos diretivos por suas “obras” submissas, enlatadas no padrão de consumo de maior liquidez: o modelo comercial *hollywoodiano*.

A desonestidade de informação contida na ideia de “marxismo cultural” pode ser comparada àquela usada por militares entreguistas e empresários, em 1964, para instaurar seu regime de terror.

À época deste anterior **golpe das classes dominantes unidas**, a lenda dizia que os brasileiros estávamos à beira da “revolução comunista dos comedores de criancinhas”.

Um discurso construído por militares vendilhões (submissos, como documentado, às ordens estadunidenses), em aliança com a elite interna brasileira (a sócia menor do “centro” capitalista – EUA e UE).

As duas principais correntes de pensamento reacionário no século XXI

Para se elucidar alguns enganos presentes nesse debate, que afeta diversos estratos do ideário raso de espírito, é preciso antes entender um pouco acerca do pensamento marxista. E ainda, entender algo sobre as duas principais correntes de pensamento reacionário – **cientificismo moderno** e **relativismo pós-moderno** – que, aliadas, são patrocinadas pelas elites sempre controladoras dos três poderes, opondo-se “culturalmente” ao desenvolvimento das melhorias sociais e direitos humanos propostos pela “cultura marxista”, ou mais precisamente, pela “cultura socialista” de maneira geral (visto que nem toda a esquerda é marxista).

Começemos por alguns traços dessas **duas correntes anti-socialistas**, atualmente submetidas como um todo ao imperialismo.

Nascidas do esforço da intelectualidade burguesa, no processo de consolidação da modernidade capitalista, inicialmente tiveram (algumas) intenções subversivas e aspectos sociodesenvolvimentistas (de viés *anti-aristocrático*).

Hoje, contudo, são nitidamente dirigidas e bancadas pelo sistema (de modo a “conservar” os privilégios do jeito que estão). O “cientificismo moderno” e o “relativismo pós-moderno” são correntes ideológicas aliadas entre si – e alinhadas ao projeto de poder do capital.

Apesar da **retórica do “crescente poder marxista”** (o que é uma *paulatina* verdade, mas que se dá de forma bem mais lenta de que a propagada), essas duas correntes conservadoras são as que de fato se mantêm ainda hegemônicas no poder global (militar, econômico, político). Suas pesquisas acadêmico-culturais são patrocinadas por megacorporações, segundo interesses, não pautados pela necessidade humana, mas por vantagens mercadológicas ou de dominação “cultural” de mentes incautas.

Tratam-se de **duas linhas extremistas**: uma de ilusão perfeccionista e temas restritos (técnicos, matemáticos, mecânicos), que desprezam questões propriamente *humanas*; outra descompromissada, cômoda, sem temas certos, voltada ao diversionismo... ou não.

Em seu tempo, e em certa medida, ambas trouxeram contribuições ao pensamento humano e ao próprio marxismo. Mas hoje não passam de **“âncoras culturais” do capital**; instrumentos que atrasam o desenvolvimento das ciências e filosofia, com vistas à manutenção do poder geopolítico nas mãos dos atuais 0,00001% de megamafiosos: algumas centenas de famílias depredadoras (dentre bilhões de homens e mulheres) que se apressam em fazer “consumir” gente e natureza, num vicioso ciclo autodestrutivo.

Decadência da modernidade: progresso técnico não leva ao progresso humano

Ao final do século XIX, alguns grandes pensadores como Nietzsche, Freud e sobretudo Marx (os “mestres da suspeita”, segundo Paul Ricoeur), com seu implacável poder de questionamento das ilusões da consciência, negaram ao homem moderno o estatuto de “centro do mundo” e “senhor da razão”. Apontaram as falhas e as imperfeições humanas, a animalidade e covardia que se oculta em tantos de seus atos.

Suas críticas são uma recusa do “cientificismo moderno”, pensamento técnico-progressista que se consolida e desenvolve na modernidade capitalista, como oposição ao misticismo e fanatismo religioso que sustentava o poder da aristocracia europeia.

No caso de **Karl Marx**, que de longe é quem mais aprofunda essa crítica à *modernidade*, ele denuncia a iniquidade social, alienação e violência implícitas nas formas de produção moderna, em que poucos privilegiados exploram o trabalho da imensa maioria de seres humanos. Acusa a mesquinhez adornada de “progresso” com que se corrompia a então vitoriosa sociedade burguesa ocidental.

Já no século XX, duas irracionais guerras capitalistas (ilógicas mesmo com relação aos lucros então visados) levaram o Ocidente a um dos mais baixos escalões de humanidade experimentados na história, arrastando consigo grande parte do planeta (que era então subjugado ao militarismo, cultura e ideologia europeias).

Tais fenômenos acabaram por expôr ao mundo – até mesmo aos liberais menos torpes – a **insuficiência do cientificismo moderno**, que acaba por entrar em descrédito. Provas da decadência deste pensamento burguês e de sua sociedade foram e são inúmeras: da carnificina da I Guerra e as atrocidades da II Guerra, aos regimes de *apartheid* (dos eurodescendentes sul-africanos ou dos judeus-brancos israelenses); ou ainda, para olharmos a catástrofe de hoje, a paradoxal crise de fome de 2007-2008, em que a

sociedade administrada pelo capital atinge (segundo dados da FAO-ONU) o número trágico de “um bilhão de famintos” – possivelmente a maior das calamidades já registradas na história.

Uma outra face violenta da sociedade burguesa ocidental (que explicita seu declínio) é a crise econômica “estrutural” do capitalismo. Crise agravada a partir dos anos 1970, explode no centro do sistema (EUA) em 2008, e a partir daí infecta as economias e sociedades de todo o mundo.

Vale frisar que esta crise é um problema das “estruturas”, das “regras” que regem o regime, ou seja, é uma crise da própria **lógica irracional capitalista** – e não um processo “cíclico” (ainda que haja, em paralelo a essa crise *estrutural*, também as crises *cíclicas*, que ora emergem, ora se apazíguam).

Como exemplo de problemas “estruturais”, veja-se que, devido ao intenso progresso tecnológico, o *emprego* tende a escassear, piorando paulatinamente o já tenso desequilíbrio social (fenômeno que é incontornável dentro da lógica capitalista). Do mesmo modo, a competição liberal leva também a uma pilhagem cada vez maior dos recursos naturais (finitos!), o que tende a aumentar os conflitos sociais e a insalubridade.

Diante desse processo de crise, em que os caminhos da sociedade não acenam a nenhuma solução plausível, os donos do mundo, antes “cientificistas”, passam também a flertar com a relativização da verdade (**pós-verdade**) – como forma de desviar a atenção do povo quanto à realidade, aos reais motivos da agonia social que o aflige.

Do outro lado do *fronte* social, o **marxismo** (socialismo contemporâneo) – resiste e se movimenta em seu projeto de conscientização (desalienação mental) e de superação do modelo abjeto de sociedade que é o capitalismo, especialmente em sua versão “neoliberal”.

Vejamos então, brevemente, as linhas gerais que caracterizam estas **três grandes correntes do pensamento atual**: o cientificismo moderno, o marxismo e o relativismo pós-moderno.

Cientificismo: o progresso técnico acima do ser humano

A título de ilustração, pode-se entender o cientificismo moderno como aquela doutrina típica de cientistas, engenheiros ou intelectuais “puros” (os tais “bons naquilo que fazem”), sejam eles alienados ou mercenários. São intelectos alheios à sociedade em que habitam, enclausurados em frios laboratórios (tantas vezes pertencentes ou patrocinados por grandes corporações), com seus moderníssimos aparatos de medição experimental; os *experts*, profissionais especializados que visam, mediante suas pesquisas *pragmáticas* (no sentido monetário), quase sempre resultados imediatos, ou seja: “produtos” que gerem, não desenvolvimento humano, mas lucro rápido. São também classificados como “positivistas” (no sentido amplo do termo), dada sua pretensão de obter supostas “certezas infalíveis” (ou “verdades positivas”).

Trata-se uma espécie de crentes no deus-metal, no deus-fama; embora os mais tolos ou *filantropos* sejam ainda devotos da ilusão iluminista de que a crescente “exatidão” das ciências deverá “um dia” ser traduzida em melhorias para a humanidade.

Ignoram porém a realidade histórica, ou dela desviam seu olhar. Desprezam evidências que mostram que essa “evolução científica”, não domada nem planejada segundo propósitos realmente “humanos” (mas sim gananciosa por lucro e poder), nos está conduzindo a uma catástrofe: ao desemprego crônico (profissões que desaparecem, terras que se tornam latifúndios ou áreas de mineradoras); e à destruição do meio ambiente (pois a natureza é vista, não como espaço que proporciona a vida, mas como mero recurso material a ser extraído).

Um modelo de “progresso” meramente “técnico”, mas alheio ao efetivo desenvolvimento do ser humano (que deveria ser o foco de todo progresso).

Assim, o *desenvolvimento* do modelo capitalista de produção nos conduz velozmente a um maior subdesenvolvimento: a guerras e miséria em abundância.

Como **oposição a esse estreito pensamento cientificista**, que sustenta tal forma de (des)organização social, no fim do século XIX surgem duas correntes de pensamento que contestam o discurso burguês moderno e seu “perfeccionismo” (tão perverso quanto ingênuo).

Marxismo: a concepção dialética da história

A primeira e mais forte destas correntes nascentes é a *concepção dialética da história*, também dita *materialismo histórico* ou *marxismo*, dentre outras denominações como *comunismo internacionalista*, ou *socialismo “científico”* (no sentido de ser uma *filosofia* não abstrata, que não flutua etérea acima dos conhecimentos empíricos, mas que é pautada pelas *ciências*, ancorada na *história*).

Com seu olhar sempre posto na história, o socialismo marxista supera o anterior socialismo “utópico-idealista” (Robert Owen, Saint-Simon, Fourier, etc). Refuta as abstrações idealistas e politicamente passivas destes socialismos anteriores, que apenas idealizavam uma sociedade com igualdade de direitos, sem nada de prático proporem para sua efetivação real.

Já o marxismo, sendo uma **filosofia da práxis** (pensamento combativo que visa transformar coletivamente a sociedade), parte da crítica da realidade histórica “concreta”: analisa as contradições, conflitos, injustiças, desigualdade e a conseqüente miséria humana causada pelo modelo burguês de sociedade moderna.

Sua perspectiva de compreensão do mundo (da realidade que deve compreender para poder transformar), é tanto “materialista” como “histórica”, pois que recusa explicações a partir de superstições, de supostas soluções perfeitas, ou de providências divinas, centrando-se na interpretação dos fenômenos da história.

Trata-se de uma forma de conhecimento vinculado à ação social coletiva: um pensamento de “práxis”. Seu objetivo é investigar a realidade histórica como um todo, a partir do estudo das relações entre cada uma de suas partes, e em suas variadas faces (social, econômica, cultural, política), dando especial atenção aos conflitos e oposições de interesses, às relações “dialéticas” que existem entre as classes sociais: os patrões-proprietários, os empregados altos, os médios, e os trabalhadores – frações da sociedade capitalista em perene e desigual combate, nessa guerra suja que se usa ora de armas, ora de meios coercitivos não diretamente armados (grande mídia, leis).

Em suma, o intuito fundamental dos marxistas – em sua grande variação de matizes – é a superação da atual “sociedade de escassez na abundância”, rumo a uma sociedade em que os homens possam desenvolver sua plenitude de potenciais, realizando-se enquanto seres de fato “humanos”.

Relativismo: a origem do irracionalismo pós-moderno

Outra corrente que contesta, ainda que parcialmente, o cientificismo moderno em decadência, é a **concepção relativista**, linha de pensamento que depois seria *abduzida* pelo sistema, e de cujas entranhas se gera o atual “pós-modernismo” – com suas vertentes mais estúpidas que relativizam qualquer possibilidade de efetivo conhecimento (caso do irracionalismo reacionário defensor da **pós-verdade**).

Promovida por parcela intelectual da própria burguesia, essa doutrina surge como antídoto filosófico contra as falhas do pensamento burguês anterior (o *cientificismo*, alicerce da evolução capitalista). Mas não tardaria em mostrar sua maior “utilidade” às classes dominantes, passando a ser impulsionada artificialmente contra a “perigosa” ascensão do marxismo.

Começa a angariar forças no instante em que o comando do capital percebe a decadência do seu *modelo cientificista ingênuo*, ou seja, quando constata o declínio do ideal moderno de “progresso técnico” que por séculos sustentou a ideologia burguesa: com sua falaciosa ideia de um “desenvolvimento” restrito somente à produção material, mas que jamais se cumpriu, sequer minimamente, enquanto efetivo “progresso social”.

Em seu processo de “relativização” da perspectiva cientificista estreita (com suas respostas rígidas, imóveis), o relativismo traz certa riqueza ao pensamento humano, e inclusive ao marxismo – caso da contribuição dos “pós-estruturalistas”, que leva o conhecimento contemporâneo a ter uma maior atenção às demandas das minorias sociais (movimentos negro, indígena, feminista, homossexual, de imigrantes, etc).

Contudo, sendo levado ao extremismo da estupidez, a partir da segunda metade do século passado, a visão relativista pós-moderna se reduz à tal **pós-verdade**: a recusa mística (e interesseira) de qualquer conhecimento concreto, histórico ou mesmo natural (ideia propagada especialmente em tempos de crise – vide Trump e Bolsonaro).

As três grandes correntes do conhecimento na atualidade

Em síntese, são estas as três principais linhagens cognitivas que guiam a filosofia e a ciência praticadas no século XX e XXI:

- o **cientificismo** (renovado no início do século XX como “neopositivismo” ou “filosofia analítica”, projeto que reduz interessadamente o espectro do conhecimento possível);
- o **relativismo** (especialmente na sua facção “pós-moderna”, de meados do século XX);
- o **comunismo marxista** (pensamento alicerçado nos princípios da “dialética” e da “práxis”, e voltado à utopia real da liberdade e plenitude humana).

Estas três concepções de mundo são as que vigoram e detêm hoje as mais amplas parcelas

do poder discursivo nos locais “produtores do saber”: universidades, centros de pesquisa, laboratórios, etc – lugares que atestam, recusam e, sobretudo, que convencem a opinião pública sobre a suposta validade das teorias a serem tornadas “práticas” pelos poderes vigentes.

Marxismo: o efetivo pensamento contemporâneo

Contudo, há que se destacar que, dentre essas três correntes de pensamento, o marxismo é a única que pode ser considerada efetivamente “contemporânea”, já que somente ela propõe sentidos, soluções para a superação desse modelo fracassado de modernidade.

Primeiramente, porque *supera* as deficiências do cientificismo moderno, a saber: o raso progressismo burguês que tem por pretensão divinizar o conhecimento “mensurável”, “calculável”, recusando qualquer estatuto de “saber” ao conhecimento humano (social, econômico-político, histórico) e filosófico-ético, cujo valor não se mede com aparatos mecânicos, mas só se comprova na complexidade da história vivida e comparada.

E por outro lado, porque o marxismo não se abstém de propor saídas palpáveis para a crise, para a construção da nova civilização, para o **novo homem** – sugerindo ferramentas bastante concretas para que obtenhamos tal **utopia concreta** – ao contrário do *niilismo* pós-moderno que, com sua inação, com sua descrença na razão e seu desprezo pelas estruturas que comandam nossas vidas, acaba por apoiar a manutenção das injustiças e privilégios.

Tática dos donos do poder: cientificismo nas armas e pós-modernismo na cultura

Apesar disto, na atualidade o marxismo está ainda longe de se alçar como “a mais forte corrente cultural” (como falsamente propagado pela atual aliança neoliberal-fascista), pois as instâncias de planejamento econômico, produtivo e militar são meios ainda controlados pelo **cientificismo conservador** das grandes corporações e Estados imperiais, enquanto o âmbito da cultura vem sendo lançado há décadas no poço sem fundo do **nonsense pós-moderno** (como se vê em grande parcela da produção das artes e mesmo da academia).

Em suma, tanto o cientificismo (com sua estreita visão de mundo), como seu falso antípoda, o pós-modernismo (seita irracional desprovida de deuses e moral), não passam hoje de **pensamentos superados** nos meios do saber que respeitam a vida e levam o conhecimento humano a sério. E se estas doutrinas detêm ainda tanto poder, isto se dá artificialmente, motivado por interesses de uma minúscula fração de privilegiados que investem fortunas para que tais teorias arcaicas permaneçam em posição de absoluta hegemonia cultural.

Este é o lugar confortável que os donos do mundo reservam aos intelectuais e artistas submissos, ajoelhados ao sistema, cujas pesquisas e (especialmente) as “soluções” interessam aos sócios do imperialismo.

Yuri Martins Fontes

Fuente de la imagen : <http://www.anticapitalistes.net/spip.php?article6630>

Yuri Martins Fontes : *Doutor em História Econômica, com formação em Filosofia e Engenharia (Universidade de São Paulo) e pós-doutorados em História do Trabalho e Ética Marxista. Exerce atividades como pesquisador, professor, escritor, jornalista. Coordena o Núcleo Práxis da USP (formação política e educação popular). É autor de **Marx na América: a práxis de Caio Prado e Mariátegui**, dentre outros livros. Trabalhou nas revistas Retrato do Brasil, Caros Amigos, e na editora Boitempo. Colabora com meios independentes: Resumen Latinoamericano, Brasil de Fato, Agencia Latinoamericana de Información, Revista Fórum, Mondialisation.*

The original source of this article is Global Research
Copyright © [Yuri Martins Fontes](#), Global Research, 2019

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: [Yuri Martins Fontes](#)

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca